

UNIDADE 1

PANORAMA DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Texto didático 2

O CRÁTILO, DE PLATÃO – ARISTÓTELES E A LINGUAGEM

Beto Vianna

O CRÁTILO, DE PLATÃO

O diálogo *Crátilo* não inaugura a reflexão sobre a linguagem na tradição ocidental. Os **SOFISTAS** e outros **FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS** já se interessavam pelos fatos da língua, como instrumentos para aprimorar a argumentação filosófica, atividade que pode ter antecedido a análise da linguagem em si mesma. Esses filósofos debruçaram-se sobre vários temas que reconhecemos como pertinentes ainda hoje, como a natureza do significado, a referência dos nomes próprios, a combinação das palavras em unidades semânticas maiores e a atribuição do **VALOR DE VERDADE** às expressões. Demócrito, por exemplo, inaugurou uma discussão que se estendeu pela filosofia da linguagem posterior, sobre o significado das palavras, em especial sua relação com os objetos, defendendo uma forma de **CONVENCIONALISMO** (os nomes ligam-se às coisas por lei ou acordo) e rejeitando o **NATURALISMO** (as coisas são nomeadas por alguma razão natural ou necessária), antecipando um importante aspecto da discussão do *Crátilo*.

Escrito no século IV a.e.c., o *Crátilo* de Platão é sobre a “justeza” (ou correção) dos nomes, ou como as coisas vêm a ter os nomes que têm, e se tais nomes se verificam corretos. É bom saber que, em grego, o plural *onomata* tanto pode se referir a substantivos (e adjetivos), como às palavras, em geral. Nesse sentido, o *Crátilo* é uma investigação sobre a natureza do significado, ou seja, uma filosofia da linguagem. Sócrates, que foi professor de Platão, é um dos personagens-participantes do diálogo (como em várias outras obras do filósofo). Aqui, Sócrates é convidado por Crátilo¹ e Hermógenes a arbitrar na discussão que travavam, sobre se os nomes são convencionais ou naturais, isto é, se a linguagem é um sistema de sinais arbitrários (a posição de Hermógenes) ou se as palavras têm uma relação intrínseca, natural, com as coisas que significam (que é o que defende Crátilo).



Capa de uma edição grega do *Crátilo*.

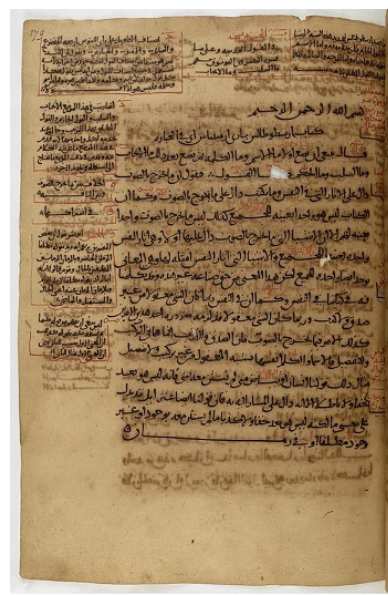
Sócrates examina as posições extremas de cada debatedor, argumentando que, se o convencionalismo não explica o uso em geral correto dos nomes, a língua não encapsula perfeitamente a essência das coisas, e deve-se conceder algum espaço à convenção. No prefácio à edição do *Crátilo* postado nesta plataforma, (ps. 10 a 14), o autor liga o diálogo *Teeto*, que trata do conhecimento, ao *Crátilo*. É a defesa platônica do conhecimento verdadeiro, apoiado no discurso racional, contra a opinião não filosófica ou não científica, abrindo caminho para uma **TEORIA DO CONHECIMENTO** que irá pautar grande parte das filosofias da ciência, da mente e da linguagem na tradição ocidental, e será questionada pelo segundo Wittgenstein.

¹ O *Crátilo* real influenciou o pensamento de Platão, passando-lhe os ensinamentos de Heráclito. Este propunha o princípio da impermanência constante das coisas (“tudo flui”), também defendido por Crátilo (o real e o do diálogo).

ARISTÓTELES E A LINGUAGEM

Se Platão foi aluno de Sócrates, Aristóteles foi aluno de Platão, uma verdadeira linhagem acadêmica já nos primórdios da tradição filosófica ocidental. Os interesses de Aristóteles (384-322 a.e.c.) percorrem uma ampla gama de disciplinas, não só dentro da filosofia, mas em **CIÊNCIAS EMPÍRICAS** como a biologia. Suas muitas obras moldaram séculos do conhecimento ocidental, e ainda hoje são estudadas e criticadas, como estamos fazendo nesta disciplina. Em uma piada medieval lendária, um grupo de monges passou anos debatendo ferozmente quantos dentes teria um cavalo, pois não achavam a resposta consultando as obras de Aristóteles. A conservação da autoridade aristotélica por toda a Idade Média deve-se não apenas aos europeus, mas, principalmente, a seus divulgadores e comentadores árabes, como Averróis (Ibn Rushdi), Avicena (Ibn Sina) e **AL-FARABI**, que derivou sua própria filosofia linguística da **LÓGICA ARISTOTÉLICA**.

No âmbito da linguagem, o Estagirita interessava-se pelas questões de lógica, pelas **CATEGORIAS** e pela atribuição do significado. Separou as coisas em categorias de espécies e gêneros, e o significado de um termo era estabelecido através de uma abstração das semelhanças entre várias coisas individuais, o que seria mais tarde conhecido como **NOMINALISMO**. Aristóteles não era, porém, um nominalista estrito, pois conservava de seu mestre a doutrina das **FORMAS PLATÔNICAS**, assim, as semelhanças particulares que propunha eram derivadas de uma semelhança real da forma. Aristóteles ressoa em nossas gramáticas escolares ao lermos coisas como “o sujeito é aquele de quem se diz algo, e o predicado é aquilo que se diz sobre o sujeito”, e definições semelhantes. Essa divisão sujeito e predicado, ou nome e verbo, que acabou entrando e perdurando nos estudos linguísticos ocidentais a partir das gramáticas gregas e, depois, latinas, é uma bipartição lógica (e não sintática ou mesmo semântica), que obedece a ontologia aristotélica. Um nome, por si só, é a apreensão da essência de uma entidade real (a sua forma) pela parte intelectual da alma (busque a p. 90 do texto de Almeida, 2017, postado nesta plataforma).



Tradução árabe do *Organon*,
o livro de lógica de Aristóteles

O nome pronunciado, ou seja, o seu som, é um **SÍMBOLO** da afecção da alma (e a escrita é o símbolo do símbolo!), que pode ser diferente de língua para língua, ou mesmo de pessoa para pessoa, e até de um momento a outro. Mas não é possível saber, a partir apenas da apreensão e pronúncia desse nome, se o que se diz é falso ou verdadeiro. O nome é a abstração de uma entidade real e particular, sem ser uma apreensão falsa ou verdadeira. Quando, porém, se relaciona esse nome a uma predicação, a proposição resultante terá valor de verdade (ou de falsidade). Assim, imitando uma formulação comum aos lógicos, dizemos que a frase “Sócrates foi professor de Platão” é verdadeira sse (se e somente se) Sócrates tiver sido, de fato, professor de Platão. O nome Sócrates, no entanto, não é verdadeiro nem falso.

Novamente, como vimos em Platão, temos aí o papel da linguagem na possibilidade de um conhecimento privilegiado. Pois as proposições (os nomes mais a predicação) são falsas ou verdadeiras quando são ou não são corroboradas pelo que há no mundo, marcando a distinção entre o pensamento racional e a crença não embasada. Vale a pena ler com atenção o texto de Almeida (2017), para buscar entender como essa concepção aristotélica do significado (e da verdade e da falsidade das proposições) se relaciona com os desenvolvimentos posteriores da filosofia ocidental da linguagem, passando pelo **COGITO** de Descartes, pela separação entre sentido e referência de Frege, e pela virada linguística de Russell e do primeiro Wittgenstein. Se os textos de filosofia servem para algo, é perder o medo de nos enchermos de dúvidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, C. P. Reflexões sobre o papel da linguagem em Aristóteles e Wittgenstein. *Rónai: Revista de estudos clássicos e tradutórios*. v. 4, n. 2, p. 89-100, 2017.

AUROUX, S. *A filosofia da linguagem*. Campinas: Unicamp, 1998.

COSTA, C. *Filosofia da linguagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

DUTRA, L. H. A. *Filosofia da linguagem: introdução crítica à semântica filosófica*. Florianópolis: UFSC, 2017.

HODGES, W.; DRUART, T. al-Farabi's Philosophy of Logic and Language. In: n: ZALTA, N. (ed.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. 2016. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/win2019/entries/al-farabi-logic/>. Acesso em: 25/06/20.

FILOSOFIA DA LINGUAGEM – INTRODUÇÃO E PRINCIPAIS AUTORES. In: *Netmundi. Org: Filosofia na Rede*. Disponível em: <https://www.netmundi.org/filosofia/2019/filosofia-da-linguagem-introducao-e-principais-autores/>. Acesso em: 24/06/20.

PLATÃO. *Diálogos: Teeteto – Crátilo*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1973. Disponível em: <http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/101>. Acesso em: 25/06/20.

_____. *Crátilo*. Versão do grego, prefácio e notas pelo P^e. Dias Palmeira. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1994.

RUSSEL, B. *História do pensamento ocidental*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

SHIELDS, C. Aristotle. In: ZALTA, N. (ed.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. 2016. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/win2016/entries/aristotle/>. Acesso em: 25/06/20.